



São, com certeza, abomináveis e, absolutamente, rejeitáveis, os atentados terroristas perpetrados no último dia 13 de Novembro, em Paris, por grupos terroristas de raiz islâmica. Tais factos

nefastos não caem do céu. Possuem uma pré-história de raiva, humilhação e desejo de vingança.

o Ocidente escolheu
o pior caminho:
a guerra

S ão, com certeza, abomináveis e, absolutamente, rejeitáveis, os atentados terroristas perpetrados no último dia 13 de Novembro, em Paris, por grupos terroristas de raiz islâmica. Tais factos nefastos não caem do céu. Possuem uma pré-história de raiva, humilhação e desejo de vingança.

Estudos académicos levados a cabo nos USA, evidenciaram que as persistentes intervenções militares do Ocidente, de acordo com a sua geopolítica para a região, e com o objetivo de garantir o fornecimento do sangue do sistema mundial que é o petróleo, abundante no Médio Oriente, a que há a acrescentar, ainda, o amplo apoio dado pelos EUA ao Estado de Israel que, como é sabido, cultiva uma violência brutal contra os palestinianos, constituem a principal motivação do terrorismo islâmico contra o Ocidente e contra os USA (ver a vasta literatura indicada por Robert Barrowes: *Terrorism: Ultimate Weapon of the Global Elite* no seu site: *War is a Crime.org*).

A resposta que o Ocidente tem dado, a começar por George W. Bush, é agora retomada, vigorosamente, por François Hollande e seus aliados europeus, juntamente com a Rússia e os EUA: é o caminho da guerra implacável contra o terrorismo, seja interno na Europa, seja externo, contra o Estado Islâmico, na Síria e no Iraque. Este, porém, é o pior dos caminhos, como criticou Edgar Morin, pois as guerras não se combatem com outras guerras, nem o fundamentalismo com outros fundamentalismos (o da cultura ocidental, que se presume a melhor do mundo e com o direito de se impor a todos).

A resposta da guerra que, provavelmente, será interminável, dada a dificuldade de derrotar o fundamentalismo, ou os grupos que decidem fazer dos seus próprios corpos bombas de alta destruição, insere-se, ainda, no velho paradigma da pré-globalização, paradigma enclausurado nos estados-nações, que ainda não caiu na conta de que a história mudou, e que o destino da espécie humana e da vida sobre a Terra, se tornou um projeto coletivo. O caminho da guerra nunca trouxe paz, no máximo alguma pacificação, e deixa sempre um lastro macabro de raiva e de vontade de vingança, por parte dos derrotados que nunca, na verdade, serão totalmente vencidos.

O velho paradigma respondia à guerra com a guerra. O novo, o da fase planetária da Terra e da Humanidade, responde com o paradigma da compreensão, da hospitalidade de todos para com todos, do diálogo sem barreiras, das trocas sem fronteiras, das negociações em ambas as partes saem a ganhar e das alianças entre todos. Caso contrário, ao generalizarem-se as guerras cada vez mais destrutivas, poderemos pôr fim à nossa espécie, ou tornar esta nossa Casa Comum inabitável.

Quem nos garante que os atuais terroristas não acabam por se apropriar de tecnologias sofisticadas, e começam a usar armas químicas e biológicas que, colocadas, por exemplo, nos reservatórios de água de uma grande cidade,

acabará por provocar uma perda sem precedentes de vidas humanas? Sabemos que eles se preparam para organizar ataques cibernéticos e telemáticos que podem afetar todo o serviço de energia de uma grande cidade, dos hospitais, das escolas, dos aeroportos e dos serviços públicos. A opção pela guerra pode levar a estes extremos, e todos eles são possíveis.

Devemos levar muito a sério o alerta de alguns sábios, como, por exemplo, Eric Hobsbawm, na conclusão da sua conhecida obra: **A era dos extremos: o breve século XX** (1995:562): "O mundo corre o risco de explosão e implosão; tem de mudar...como alternativa à mudança só nos resta a escuridão". Ou então, o que nos diz o eminente historiador Arnold Toynbee que, depois de escrever dez volumes sobre as grandes civilizações históricas, nos adverte, no seu ensaio autobiográfico **Experiências** (1969:422): "Vivi para ver o fim da história humana tornar-se uma possibilidade intra-histórica, capaz de ser traduzida em factos, não por acção de Deus, mas do próprio homem".

O Ocidente optou por uma guerra sem tréguas. Mas nunca mais terá paz, e viverá, constantemente, cheio de medo e refém de possíveis atentados resultantes da vingança dos islâmicos. Oxalá não se realize o cenário descrito por Jacques Attali, no seu livro intitulado **Uma breve história do futuro** (2008): as guerras regionais, numa espécie de balcanização do mundo, são cada vez mais destrutivas, a ponto de ameaçarem a espécie humana. Então, para sobreviver, a humanidade optará por uma governação global, com uma hiperdemocracia planetária. Será esta a última oportunidade de impedir que todos mergulhemos num abismo sem regresso.

O que se impõe, pensamos nós, é o reconhecimento da existência, de facto, de um Estado Islâmico e, em seguida, a criação de uma coligação pluralista de nações e de meios diplomáticos e de paz, com o objetivo de criar condições para um diálogo que nos leve a pensar o destino comum da Terra e da Humanidade.

Receio o Ocidente, com a sua típica arrogância, a sua visão imperial, e a sua tendência para se julgar o melhor em tudo, não se mostre recetivo a este percurso pacificador, e prefira optar pela guerra. E então, torna a ter sentido a sentença profética de M. Heidegger, conhecida depois da sua morte: " *Nur noch ein Gott kann uns retten*: então, só um Deus nos poderá salvar".

Não devemos esperar, ingenuamente, a intervenção divina, pois o nosso destino está entregue à nossa responsabilidade. Seremos o que decidirmos ser: uma espécie que, em vez de renunciar à sua vontade absurda de poder sobre tudo e sobre todos, preferiu auto-exterminar-se; ou então uma espécie que conseguiu forjar as bases de uma paz perpétua (Kant), que nos permita viver diferentes e unidos, na mesma Casa Comum.

Leonardo Boff. Doutor em Teologia e Filosofia pela Universidade de Munique.

<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/11/21/o-ocidente-escolheu-o-pior-caminho-a-guerra/21/11/2015>

Novas figuras do Advento

1. Segundo um conto judaico, um rabino fez a Deus o seguinte pedido: “Deixa-me ir dar uma vista de olhos pelo céu e pelo inferno”. O pedido foi aceite e Deus enviou-lhe o profeta Elias, como guia.

O profeta levou o rabino a uma grande sala. No centro ardia um fogo que aquecia uma panela enorme, com um guisado que enchia o espaço com o seu aroma.

À volta deste apetitoso manjar estava reunida uma multidão com uma grande colher na mão. Apesar disso, viam-se as pessoas esfomeadas, macilentas, sem forças, a cair. As colheres eram mais compridas do que os seus braços, de tal modo que não as conseguiam levar à boca. Tristes, desejosas e em silêncio, de olhar perdido. O rabino, espantado e comovido, pediu para sair desse lugar espetral. De inferno já tinha visto o suficiente.

O profeta levou-o então a outra sala. Ou talvez fosse a mesma. Tudo parecia exactamente igual: a panela ao lume, com apetitosas iguarias, a gente à volta com grandes colheres na mão. Via-se que estavam todas a comer com gosto, alegres, com saúde, cheias de vida. A conversa e as gargalhadas enchiam a sala. Isto tinha que ser o paraíso! Mas, como é que tinham conseguido uma tal transformação?

As pessoas tinham-se voltado umas para as outras e usavam a enorme colher para levar comida a quem estava à sua frente, procurando que a outra ficasse satisfeita e assim acabavam por ficar todas bem!

2. Foi notícia a festa de arromba que um empresário ofereceu, em Loures, para celebrar os 15 anos da sua filha. Transportada antes em limousine e depois, em helicóptero, a partir de Algés. A brincadeira terá ultrapassado os duzentos mil euros. Apesar de tudo muito mais barata do que o jacto de Ronaldo. Não se pode dizer que vivem acima das suas possibilidades. A propriedade privada é sagrada.

John Magufuli, de 56 anos, Presidente da Tanzânia desde 5 de Novembro, já anda na boca das pessoas. É conhecido por Bulldozer pelas mudanças radicais que introduziu no país.

Pela primeira vez em 54 anos, a Tanzânia não vai celebrar oficialmente o dia da Independência, porque Magufuli defende ser “vergonhoso” gastar rios de dinheiro nas celebrações quando o nosso povo está a morrer de cólera. Só nos últimos três meses vitimou, pelo menos, 60 pessoas. Acabaram-se as viagens dos governantes ao estrangeiro. As embaixadas deverão tratar dos assuntos que lhes competem. Se for necessário viajar, terá de pedir uma licença especial ao Presidente ou ao seu Chefe de Gabinete. Em 1ª classe e executiva só o Presidente, o Vice-Presidente e o Primeiro-Ministro. Acabaram-se os workshops e seminários em hotéis caros, quando há tantas salas de ministérios vazias.

O Presidente Magufuli perguntou por que motivo os engenheiros recebem modelos de carro topo de gama, se as carrinhas são mais práticas para o seu trabalho. Acabaram-se os subsídios. Por que motivo são pagos subsídios se vocês recebem salários; aplicável também aos parlamentares. Todos os indivíduos, ou empresas, que tenham comprado empresas do Estado, que foram privatizadas, mas não fizeram nada com elas, passados 20 anos, ou as fazem recuperar imediatamente ou devem-nas devolver.

John Magufuli cortou o orçamento da inauguração do novo Parlamento. De 100 mil dólares passou para 7 mil.

3. Tem um precedente na América Latina, José Mujica. O ex-guerrilheiro, conhecido como o presidente mais pobre do mundo devido ao seu estilo de vida, deixou o poder a 1 de março.

Uma chácara, nos arredores de Montevideo, um VW Carocha de 1987 e três tratores. Esta é toda a riqueza do presidente do Uruguai, avaliada em menos de 170 mil euros. Pode parecer pouco para um chefe de Estado, mas para Pepe, que doa 90% do seu salário anual, dez mil euros, para caridade, é mais do que suficiente. É por isso que ficou conhecido como o presidente mais pobre do mundo.

Mujica continua como sempre. Em algumas entrevistas, declarou: "não sou pobre, sou sóbrio, com pouca bagagem, vivo com o suficiente para que as coisas não me roubem a liberdade"; por outro lado, "tu, com o teu dinheiro, não podes ir a um supermercado e dizer: venda-me mais cinco anos de vida. Não podes. Não é uma mercadoria, então não a devemos gastar mal. Temos de a usar e gastar com as coisas que nos motivam a viver." À CNN disse: "temos de viver como vive a maioria, não como vive a minoria", lembrando que "o presidente é um funcionário que foi eleito pelas pessoas para um momento e uma etapa" e que "ninguém é melhor do que ninguém". "A política é a luta pela felicidade de todos".

Entre estas palavras e a sua existência quotidiana não há distâncias.

Vive com a mulher de há 40 anos, a senadora Lucía Topolansky, na casa de uma assoalhada, onde também costuma receber os jornalistas. Ao lado da roupa estendida e da horta que cultiva, é vegetariano, no meio das galinhas e junto à cadela Manuela, que só tem três patas. Não é esquisito no vestir e nem para ir à Casa Branca usou gravata, que considera "um trapo inútil".

Estamos no Advento. Uns dizem que o melhor está para vir, mas adiam a felicidade para o fim dos tempos. Outros repetem as figuras que anunciaram a vinda do Messias. Porque não abrir os olhos para as figuras que vivem hoje e abrem novos caminhos de Esperança?

Frei Bento Domingues, O.P.

PÚBLICO, 6 dezembro 2015

Novembro de 2016



Sempre, NO FINAL DE CADA ANO, os meios de comunicação social fazem o balanço das principais notícias dos doze meses anteriores. A tragédia de Mariana [no Brasil] e os massacres terroristas em Paris (Charlie Hebdo e Bataclan) sem dúvida que merecerão destaque este ano.

Em novembro de 2016, um ano depois, os dois fatos voltarão a ser destacados nos meios de comunicação. Não é preciso recorrer a uma bola de cristal para adivinhar que seremos informados de que, em Mariana, as vítimas que sobreviveram ao mar de lama continuam ao desamparo, a viver em condições precárias, à espera do cumprimento das promessas do governo e da Samarco que, um ano depois, continuam sem sair do papel. Entretanto, o minério continuará a ser abortado do ventre de Minas, sem que as condições de preservação ambiental estejam, efetivamente, asseguradas.

Veremos de novo, vindas de Paris, as fotos da mortandade causada pelo terrorismo. E, mais uma vez, as imagens dos aviões a embater nas torres gémeas, em Nova York, em 2001, para frisar bem que ali se perpetrou o maior atentado terrorista da história.

Mentira. Os dois maiores atentados terroristas foram as bombas atómicas lançadas pelos EUA, em 1945, sobre a população civil de Hiroshima e Nagasaki. Morreram cento e vinte e nove mil pessoas, segundo os EUA, ou duzentos e quarenta e seis mil, de acordo com os japoneses. Sem contar os efeitos colaterais indeléveis no corpo e na alma dos poucos que sobreviveram.

Terão os aliados ocidentais conseguido derrotar o Estado Islâmico até novembro de 2016? Se analisarmos os precedentes, é de duvidar. O Ocidente, face ao inimigo, reage numa única maneira: a lei do talião, olho por olho, dente por dente. Assim, derrotada a Al-Qaeda e morto Bin Laden, surgiu o Estado Islâmico com muito mais força, por dominar um território entre o Iraque e a Síria, e com muito mais ousadia cruel.



Há dezasseis milhões de muçulmanos na Europa Ocidental, e não podem nem devem ser identificados como aliados do terrorismo. Porém, são discriminados e tratados como cidadãos de segunda classe. Como evitar que tantos jovens cresçam sem ressentimento e ódio no coração? Como possibilitar-lhes um sentido para a vida que

não seja, por um lado, o de mero consumista numa sociedade altamente competitiva e, por outro, o de "mártires" suicidas do fundamentalismo religioso?

O Ocidente ainda não fez *mea culpa* das atrocidades que, levado pela cobiça do petróleo, perpetrou no Oriente. Por que razão os EUA e seus aliados europeus apoiaram, durante tantos anos, a família al-Assad, na Síria; Saddam Hussein, no Iraque; Kadafi, na Líbia; para depois atirar toda essa gente para a lata de lixo da história? Por que razão a CIA financiou Bin Laden como seu principal agente no Afeganistão ocupado pelos russos?

O profeta Isaías proclamou, sete séculos antes de Cristo, que a paz só virá como fruto da justiça. Jamais se alcançará com o mero equilíbrio de forças.

Enquanto buscarmos a paz movidos pelo ódio, o preconceito e a discriminação, a espiral da violência crescerá. A tão apregoada democracia política, da qual o Ocidente tanto se gaba, só deixará de ser mera falácia capitalista quando houver de fato, para os cerca de sete mil milhões e meio de pessoas que habitam a Terra, a sonhada democracia económica.

Frei Betto. Escritor e religioso dominicano.

Adital, 23 novembro 2015



Concílio Ecuménico Vaticano II: encerrou há 50 anos no dia 8 de dezembro

Carta Apostólica *In Spiritu Sancto* do papa Paulo VI

Para perpétua memória

O CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, REUNIDO NO ESPÍRITO SANTO e colocado sob a protecção da bem-aventurada Virgem Maria, a quem declaramos Mãe da Igreja, de S. José seu ínclito esposo, e dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, deve ser contado, sem dúvida, entre os maiores acontecimentos da Igreja. Com efeito, foi o maior pelo número de Padres, vindos de todas as partes da terra, mesmo daquelas onde só há pouco foi constituída a Hierarquia; foi o mais rico pelos temas que, durante quatro sessões, foram tratados com empenho e perfeição; foi o mais oportuno, enfim, porque, tendo em conta as necessidades dos nossos dias, atendeu sobretudo às necessidades pastorais e, alimentando a chama da caridade, esforçou-se grandemente por atingir com afecto fraterno não só os cristãos ainda separados da comunhão da Sé Apostólica, mas até a inteira família humana.

Assim, pois, com a graça de Deus, estando neste momento terminado tudo quanto diz respeito ao mesmo sagrado Concílio Ecuménico e tendo sido aprovadas por deliberação conciliar e por nós promulgadas todas as constituições, decretos, declarações e votos, com a Nossa autoridade apostólica decidimos e estabelecemos encerrar, para todos os efeitos, o mesmo Concílio Ecuménico, convocado pelo nosso predecessor de feliz memória João XXIII no dia 25 de Dezembro de 1961, inaugurado no dia 11 de Outubro de 1962, e por Nós continuado depois da sua piíssima morte. Mandamos também e ordenamos que tudo quanto foi estabelecido conciliarmente seja observado santa e religiosamente por todos os fiéis, para glória de Deus, honra da santa mãe Igreja, tranquilidade e paz de todos os homens.

Isto sancionamos e estabelecemos, decretando que a presente carta seja e permaneça plenamente firme, válida e eficaz; que tenha e consiga os seus efeitos plenos e íntegros; que seja apoiada por aqueles a quem, agora ou no futuro, diz ou poderá dizer respeito; que assim se deve julgar e definir; e que desde este momento se deve ter como nulo e sem valor tudo quanto se fizer em contrário, por qualquer indivíduo ou autoridade, conscientemente ou por ignorância.

Dada em Roma, em S. Pedro, sob o anel do pescador, no dia 8 de Dezembro, festa da Imaculada Conceição da bem-aventurada Virgem Maria, do ano de 1965, terceiro do Nosso Pontificado.

PAPA PAULO VI